

VISÃO DO CORREIO

Sequestro de Maduro por Trump é ruptura geopolítica

O sequestro do presidente venezuelano Nicolás Maduro por forças militares dos Estados Unidos, anunciado como naturalidade por Donald Trump em uma coletiva de imprensa, marca uma ruptura geopolítica sem precedentes na América Latina desde o fim da Guerra Fria. Não se trata apenas de mais um capítulo da longa crise venezuelana, mas de uma inflexão estratégica que recoloca a intervenção militar direta como instrumento explícito da política externa norte-americana no hemisfério.

Ao capturar um chefe de Estado estrangeiro, bombardear alvos estratégicos em Caracas e declarar a intenção de governar a Venezuela até uma transição "cristerosa", Washington ultrapassa limites que vinham sendo, ao menos formalmente, respeitados desde o trauma das intervenções do século 20 na América Latina. O discurso de Trump — reforçado pelo secretário de Estado Marco Rubio e pelo secretário de Defesa Pete Hegseth — deixa pouca margem a interpretações benevolentes. A operação militar, descrita com detalhes técnicos e orgulho bélico, foi apresentada como modelo de eficiência na "caça a terroristas", equiparando um presidente latino-americano, por mais contestado que seja, a um inimigo militar.

Mais grave ainda foi a associação explícita entre a intervenção e o controle do petróleo venezuelano, com a promessa de entrada de grandes empresas americanas para "consertar" a infraestrutura e "gerar lucro". A linguagem é colonialista. Não à toa, Trump estendeu ameaças veladas a outros países da região. O presidente colombiano, Gustavo Petro, foi advertido em público, Cuba foi citada como próximo "assunto" e a ideia de tropas americanas em solo venezuelano foi tratada como algo já consumado.

Trata-se de uma sinalização inequívoca de que a América Latina volta a ser vista como zona de tutela estratégica, em linha com uma releitura agressiva da velha Doutrina Monroe. O sequestro de Maduro, nesse sentido, sim, encerra um ciclo político venezuelano; porém, inaugura outro, muito mais instável, tanto para a Venezuela quanto

para os governos latino-americanos com os quais Trump tem diferenças ideológicas. A experiência de intervenções norte-americanas ao redor do mundo, porém, mostra que os êxitos militares não significaram sucesso político, econômico e social, como vimos no Iraque, na Síria, na Líbia, no Afeganistão, na Nigéria e em outros países.

Nesse contexto, é relevante a posição do Brasil. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva optou por uma postura de defesa da não intervenção, da paz e age com cautela institucional, em consonância com a melhor tradição da política exterior brasileira. A reunião de emergência no Itamaraty, a preocupação com a segurança da fronteira e a recusa em endossar aventuras militares refletem uma visão de Estado democrática: crises regionais não se resolvem com ocupação estrangeira, mas com diplomacia, mediação e soluções multilaterais.

Essa posição não significa complacência com autoritarismos nem indiferença ao sofrimento do povo venezuelano. Significa, sim, o reconhecimento de que a força bruta tende a produzir colapsos políticos, crises humanitárias e efeitos transbordantes, especialmente para países vizinhos como o Brasil, o Chile, a Guiana e a Colômbia. O próprio governo brasileiro avalia que uma ofensiva desse tipo pode aprofundar o caos social e gerar impactos diretos sobre a estabilidade regional.

Ao defender a paz e a soberania, o Brasil reafirma um princípio histórico: a América do Sul não pode ser palco de disputas imperialistas nem laboratório de soluções armadas. O sequestro de um presidente, a promessa de administrar um país estrangeiro e a apropriação explícita de seus recursos naturais configuram uma ruptura geopolítica que ameaça não apenas a Venezuela, mas todo o equilíbrio regional. Diante desse cenário, devemos insistir no multilateralismo, no direito internacional e na recusa à lógica do "fato consumado". Essa posição pode parecer discreta, porém, é estratégica: quando a força substitui o direito, ninguém está realmente seguro.

ANA DUBEUX
anadubeux.correio@gmail.com

A democracia é escudo

Escrevo sob o impacto da notícia do ataque à Venezuela pelos Estados Unidos, incluindo a captura do presidente Nicolás Maduro e da esposa dele, e ainda sem saber o desenrolar da crise ao longo deste fim de semana.

O presidente Lula classificou os ataques como uma "afronta gravíssima à soberania da Venezuela" e afirmou que a ação abre um precedente perigoso "para toda a comunidade internacional". Outros países, como Irã e Rússia, foram na mesma linha, assim como a líder da extrema-direita da França, Marine Le Pen. Já a Argentina permaneceu alinhada a Trump. Fortalecida após receber o Nobel da Paz em 2025, María Corina Machado optou por uma manifestação a favor da mudança na Presidência, porém sem defender a soberania do território venezuelano.

Deixarei para os especialistas e para as equipes jornalísticas envolvidas na cobertura a análise acurada e a atualização sobre a investida militar de Trump, com todas as consequências para a Venezuela, a América Latina e o mundo.

Mas gostaria de deixar uma impressão que caminha comigo ao longo de tantos anos de jornalismo e de vivência cidadã. Percebo que a falta de apreço pela democracia fragiliza qualquer país interna e externamente. Eleições fraudulentas, sufocamento das oposições, censura à imprensa e perpetuação de forças políticas no poder levam a um ambiente interno de profunda insatisfação, suspeitas, corrupção, contaminação e fraqueza dos poderes constituídos,

derrocada da economia, miséria e insurreições populares, que por tantas vezes culminam em crescimento de facções e milícias, além de guerras civis.

Mais do que isso, um país antidemocrático impõe ao seu povo ameaças bélicas internas e externas, porque entrega de bandeja pretextos para uma intervenção que quase sempre — e nesse caso — tem outros motivos: petróleo, dinheiro, exploração de riquezas, demonstração de poder, ocupação de territórios estratégicos. Ou seja, para além da ficha corrida de acusações contra ditadores, há interesses diversos envolvidos e um imenso risco para a paz.

Resumindo, a mensagem que quero deixar é: a democracia é escudo. Protege um país, sua população e sua soberania. Uma nação que respeita a democracia não está imune a ataques, mas consegue responder com mais recursos. Estamos a quatro dias dos três anos do tenebroso 8 de janeiro, em que sofremos uma tentativa de golpe. Foi uma prova de fogo contra nossa democracia, que sobreviveu, puniu os artífices e levou para a cadeia muitos dos brasileiros que acharam que podiam atentar contra a Constituição.

Ao reagir, o Brasil deu um recado claro, não só a quem orquestrou o ataque às sedes dos Poderes, mas ao mundo. E esse é um sinal importantíssimo contra ameaças de qualquer tipo. Uma democracia forte eleva a importância de um país no cenário internacional e tranquiliza seu povo. Cuidemos!

Editora: Carmen Souza // carmensouza.df@dabr.com.br
opiniao.df@dabr.com.br // 3214-1157



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.

» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Imperialismo ianque

Nunca a palavra de ordem da década de 1960 "Fora ianques" esteve tão viva quanto hoje (ontem), 3 de janeiro de 2026. Depois de quase 70 anos, o refrão da esquerda brasileira está mais vivo do que nunca. Isso porque o maior imperialista que a humanidade já conheceu — o famigerado Donald Trump — colocou suas garras e do império norte-americano em cima da América do Sul para invadir a Venezuela e sequestrar o legítimo presidente Maduro, recém-reeleito pelo povo daquele país. Agora ninguém mais pode duvidar de que os EUA são o país mais imperialista do mundo! E logo eles que condenaram o presidente Putin, que apenas luta para reintegrar, recompor o território russo, dividido após o fim da União Soviética. Agora também está claro que o principal objetivo do imperialista Trump não é o de restaurar a democracia, e sim dominar a principal fonte de riqueza do povo venezuelano, o seu rico petróleo. O objetivo é econômico e não político. É garantir riqueza para os EUA e não a democracia para a Venezuela.

» Olga Costa
Asa Norte

Viva a liberdade!

A prisão do ditador Maduro e de sua esposa é uma vitória da liberdade e o fim de uma ditadura que massacrou o povo venezuelano durante mais de 20 anos. É o fim de uma ditadura de esquerda que matou pessoas, que acabou com a economia do país e destruiu a representação política, criando uma nova espécie de dominação: a bolivariana. Com o fim desse regime comunista, os mais de 8 milhões de autotaxiados venezuelanos poderão retornar ao país e viver com tranquilidade, respirando os novos ares da liberdade que chegaram juntos com a ação do presidente Trump. Que Deus ilumine os venezuelanos e eles consigam superar esse trauma histórico de terem vivido por três décadas sob o jugo de uma cruenta ditadura comunista. Viva a liberdade!

» Sueli Martins
Cidade Ocidental

Fragilidade histórica

É impressionante a ação militar dos EUA na madrugada de hoje (ontem) na Venezuela com o rápido sequestro do ditador Maduro e sua esposa, sem qualquer tipo de reação da chamada milícia bolivariana ou das forças armadas da Venezuela. Foi um passeio militar no quintal do poder da Venezuela sem que tenha notícia de uma forte troca de tiros para impedir a ação militar norte-americana na capital do país, no centro nevrálgico do poder. Fica parecendo que o discurso de Nicolás Maduro e seus chefes militares de que haveria uma forte reação a qualquer ação do imperialista Trump era conversa fiada, conversa mole. Não aconteceu nada e nada indica que haverá qualquer reação. Parece ser mais uma ditadura que cai, sem luta, exaurida pelo tempo e seus erros.

» Jaime Silva
Taguatinga

Desabafo

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Trump foi cruel com Maduro triplamente: sequestrou, tirou do poder e ainda obrigou o homem a viajar com a esposa

Gilmar Pereira — Samambaia

Parabéns, Venezuela: começou o ano com o pé direito

Renato Oliveira — Lago Sul

A fé não costuma faiá, mas Malafaia

Gina Assis — Sobradinho

Quem manda?

Após o presidente Trump descartar a posse de María Corina para ocupar o lugar de Maduro, o mundo inteiro se pergunta quem os EUA vão indicar para comandar o país. É difícil imaginar que Trump tenha planejado a prisão de Maduro sem que pensasse em um nome para substituí-lo no poder e comando da Venezuela. Mas, por enquanto, ele está mantendo esse nome em segredo, seja por estratégia, seja por descuido mesmo.

» Suzana Macedo
Guará

Esperança

Uma modesta, bem enfeitada e montada árvore de Natal chama a atenção de quem passa pela avenida L2 Norte. Carros param. Motoristas respiram forte. É a chama de fé, do amor e de esperança que nunca acabam, apesar das dificuldades. A árvore fincada no chão irregular, com poças de água, decora as nuvens que nascem no céu e são enviadas por corais de anjos. Crianças, adultos e idosos são símbolos desta singela árvore que sonham com uma vida melhor, depois das festas de final de ano. A árvore de Natal de um grupo de moradores de rua, na L2 Norte, suaviza a alma. Mãoz trêmulas estendidas pedem aos corações cristãos carinho, amor, comida e agasalhos.

» Vicente Limongi Netto

Chega de mimimi

O ex-ministro da Saúde, em artigo no *Correio Braziliense*, discorre sobre os problemas de saúde do então presidente Jair Bolsonaro e encerra o texto com a indagação: "O que estão fazendo com Jair Bolsonaro?". Encarcerado numa suíte da Polícia Federal, o pior ex-presidente do Brasil tem assistência médica 24 horas. A distância entre a prisão e um dos melhores hospitais de Brasília é de cinco minutos, no máximo. O ex-ministro não fez a mesma pergunta em relação aos brasileiros infectados pela covid-19, quando milhares de cidadãos morreram pelo negacionismo do seu ex-patrão. A pandemia impediu que muitos doentes tivessem acesso ao tratamento adequado, pois a rede hospitalar pública e privada perdeu capacidade de atender pacientes com outras doenças devido ao elevado número de pessoas infectadas pelo vírus. Foram mais de 700 mil mortos e milhares de outros por outras moléstias, pois não tiveram o atendimento médico necessário. A pergunta correta é "o que fez Bolsonaro durante a pandemia?", cujo desprezo ficou evidente ao denominar de "mimicás" os que cumpriam a orientação da OMS para que ficassem isolados, ou dos que sofriam nas UTIs ou nos corredores dos hospitais. Ele postergou o quanto pôde a compra de vacinas. O ex-presidente Bolsonaro não está numa cela entre presidiários doentes, o que poderia expô-lo a outras comorbidades. Está numa confortável suíte. Então, há necessidade de apelo "mimimi", para o líder da tentativa de golpe contra a democracia, com o intuito de se manter no poder e reimplantar a ditadura, regime de tortura e morte.

» Emílio Gonzaga Lopez
Vicente Pires

CORREIO BRAZILIENSE

"Na quarta parte nova os campos aram
E se mais mundo houvera, lá chegara"

Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA

Localidade SEG/SÁB DOM

DF/GO R\$ 5,00 R\$ 7,00

ASSINATURA*

SEG a DOM

R\$ 1.187,88

360 EDIÇÕES

[promocional]

Assine (61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 WhatsApp

*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.
Correio do Brasil e Telebras (3342-1000) ou (61) 9915-4045 WhatsApp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empréstimo terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação só sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

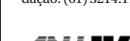
Anuncie

Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 WhatsApp

Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 WhatsApp

Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 WhatsApp

SA-CORREIO BRAZILIENSE— Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varella, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-000 - Red. Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 WhatsApp.

ANJ 

Endereço na internet: <http://www.correioeb.com.br>

Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A. Press.

Tel: (61) 3214-1131

DÍARIOS ASSOCIADOS

D.A. Press Multimídia

Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias;

SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;

de segunda a sexta, das 9h às 22h.

Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.

E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br

Atendimento para venda de conteúdo.

Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/

sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.